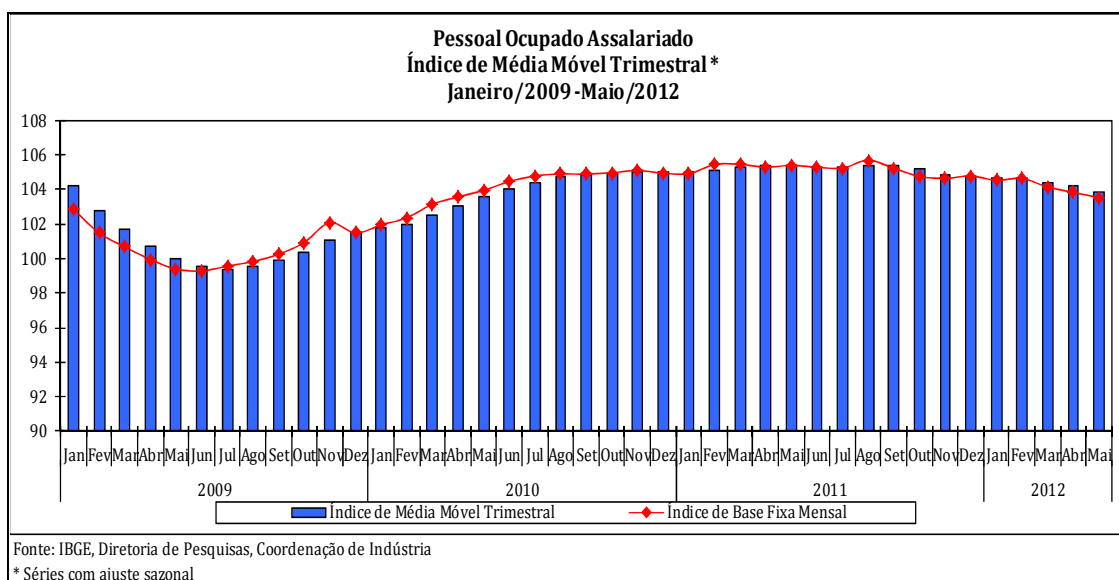


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em maio de 2012, o total do pessoal ocupado na indústria mostrou variação negativa de 0,3% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, terceiro resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação, acumulando nesse período perda de 1,1%. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral, ao assinalar variação de -0,4% na passagem dos trimestres encerrados em abril e maio, permaneceu com o comportamento predominantemente negativo presente desde outubro do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 1,7% em maio de 2012, oitavo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde dezembro de 2009 (-2,4%). O índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2012 apontou recuo de 1,1% e intensificou o ritmo de queda frente ao observado no fechamento do primeiro quadrimestre do ano (-0,9%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao registrar -0,3% em maio de 2012, prosseguiu com a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (3,9%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 1,7% em maio de 2012, com o contingente de trabalhadores apontando

redução em doze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-3,2%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas registradas em quatorze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de produtos de metal (-12,6%), metalurgia básica (-20,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,7%), têxtil (-8,5%), papel e gráfica (-6,8%), meios de transporte (-3,6%), vestuário (-7,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-5,7%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Região Nordeste (-2,6%), Rio Grande do Sul (-2,3%), Santa Catarina (-1,4%), Ceará (-3,2%) e Bahia (-3,4%), com o primeiro influenciado pelas quedas nos setores de calçados e couro (-5,8%), vestuário (-7,2%) e têxtil (-9,9%); o segundo por conta das perdas registradas em calçados e couro (-11,5%), borracha e plástico (-11,3%) e outros produtos da indústria de transformação (-6,1%); o terceiro pressionado pelas reduções vindas de vestuário (-9,2%), madeira (-14,6%), calçados e couro (-23,0%) e têxtil (-2,5%); a indústria cearense impactada especialmente pelas quedas em vestuário (-8,3%), calçados e couro (-3,5%) e têxtil (-8,5%); e o último em função dos recuos no pessoal ocupado nas indústrias de calçados e couro (-12,7%) e de alimentos e bebidas (-7,9%). Por outro lado, Paraná (2,2%) e Minas Gerais (0,3%) apontaram as contribuições positivas sobre o emprego industrial do país, com destaque para os ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (35,1%) e alimentos e bebidas (6,1%), na indústria paranaense, e de produtos de metal (6,7%), indústrias extrativas (7,6%) e metalurgia básica (4,3%), no setor industrial mineiro.

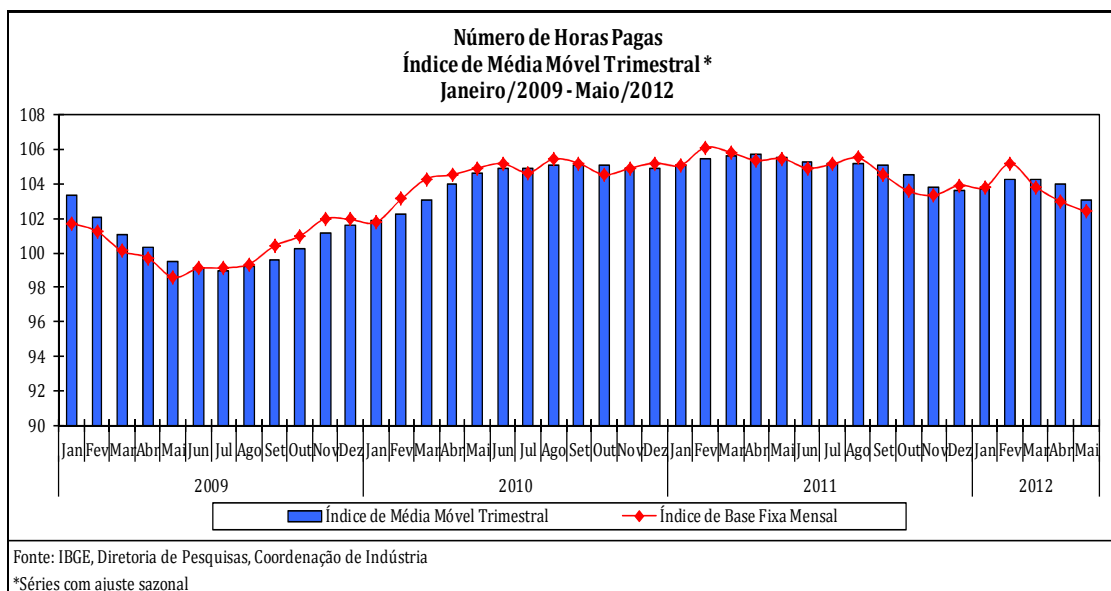
Setorialmente, ainda no índice mensal, o emprego industrial recuou em doze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de vestuário (-8,7%), calçados e couro (-6,1%), produtos de metal (-4,3%), têxtil (-5,7%), papel e gráfica (-4,6%), outros produtos da indústria de transformação (-3,8%), madeira (-7,7%), metalurgia básica (-4,8%) e borracha e plástico (-3,0%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre o total da indústria foram observados nos setores

de alimentos e bebidas (3,0%), máquinas e equipamentos (2,0%) e indústrias extrativas (3,4%).

No índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2012 o emprego industrial permaneceu em queda (-1,1%), com taxas negativas em nove dos quatorze locais e em onze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,2%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Região Nordeste (-1,8%), Santa Catarina (-1,4%), Ceará (-3,2%) e Bahia (-2,6%). Por outro lado, Paraná (3,6%) e Minas Gerais (1,4%) exerceram as maiores pressões positivas. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre o total da indústria vieram de vestuário (-7,2%), produtos de metal (-5,3%), calçados e couro (-6,6%), têxtil (-5,4%), madeira (-9,4%), borracha e plástico (-3,8%) e papel e gráfica (-4,0%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (3,9%), máquinas e equipamentos (2,4%), indústrias extrativas (4,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (1,7%) responderam pelos principais impactos positivos.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em maio de 2012, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,6% frente ao mês imediatamente anterior, terceira taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 2,6%. Com isso, ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral apresentou queda de 0,9% no trimestre encerrado em maio frente ao patamar do mês anterior, após registrar variação negativa de 0,3% em abril.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas mostrou, em maio de 2012 (-2,8%), a nona taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto e a mais intensa desde novembro de 2009 (-3,1%). O índice acumulado nos primeiros cinco meses do ano também apresentou resultado negativo (-1,7%), acentuando o ritmo de queda frente aos meses anteriores. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao assinalar recuo de 1,1% em maio de 2012, permaneceu com a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (4,5%).

Em maio de 2012, o número de horas pagas recuou 2,8% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em treze dos quatorze locais e em quinze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de vestuário (-9,0%), produtos de metal (-5,0%), calçados e couro (-5,2%), papel e gráfica (-5,3%), têxtil (-5,8%), meios de transporte (-3,0%) e metalurgia básica (-6,1%). Em sentido contrário, indústrias extrativas (3,1%), produtos químicos (1,4%) e máquinas e equipamentos (0,7%) assinalaram os resultados positivos nesse mês.

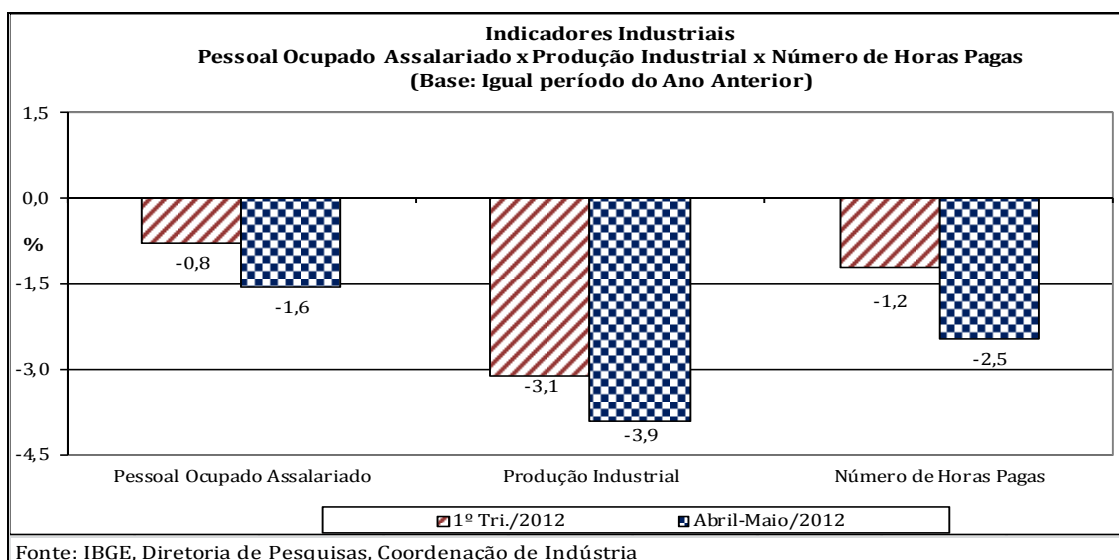
Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-4,9%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionado em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de produtos de metal (-11,3%), metalurgia básica (-24,0%), máquinas

e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,6%), meios de transporte (-5,1%), papel e gráfica (-7,2%), têxtil (-8,5%) e vestuário (-7,7%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-3,4%), em função, principalmente, dos recuos registrados em calçados e couro (-12,2%), borracha e plástico (-11,8%), outros produtos da indústria da transformação (-4,8%) e meios de transporte (-3,6%); Região Nordeste (-2,4%), devido, sobretudo, à retração verificada em vestuário (-8,4%), alimentos e bebidas (-2,3%) e têxtil (-8,5%); Região Norte e Centro-Oeste (-2,2%), pressionada, em grande medida, pelos recuos vindos de minerais não metálicos (-13,2%) e produtos de metal (-13,8%); Santa Catarina (-2,2%), explicado, especialmente, pelas quedas observadas em vestuário (-10,7%), madeira (-12,6%), calçados e couro (-25,0%) e têxtil (-3,4%); e Bahia (-5,4%), por conta principalmente dos setores de calçados e couro (-14,3%) e de alimentos e bebidas (-11,4%). Por outro lado, Paraná (1,5%) exerceu a única contribuição positiva no total do número de horas pagas, impulsionado em grande parte pelas expansões vindas dos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (37,2%) e alimentos e bebidas (3,8%).

No índice acumulado dos cinco primeiros meses de 2012 houve recuo de 1,7% no número de horas pagas, com treze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de vestuário (-7,6%), produtos de metal (-5,3%), calçados e couro (-6,2%), têxtil (-5,7%), madeira (-9,1%), papel e gráfica (-4,0%), borracha e plástico (-3,8%) e metalurgia básica (-4,7%). Em sentido oposto, o setor de alimentos e bebidas (2,0%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total de horas pagas aos trabalhadores da indústria, seguido por máquinas e equipamentos (2,3%) e indústrias extrativas (4,1%). Em nível regional, onze dos quatorze locais apresentaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 3,9% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas de Santa Catarina (-2,2%), Região Nordeste (-1,3%), Rio Grande do Sul (-1,4%) e Bahia (-3,3%). Em contrapartida, Minas Gerais (1,5%), Paraná (1,8%) e

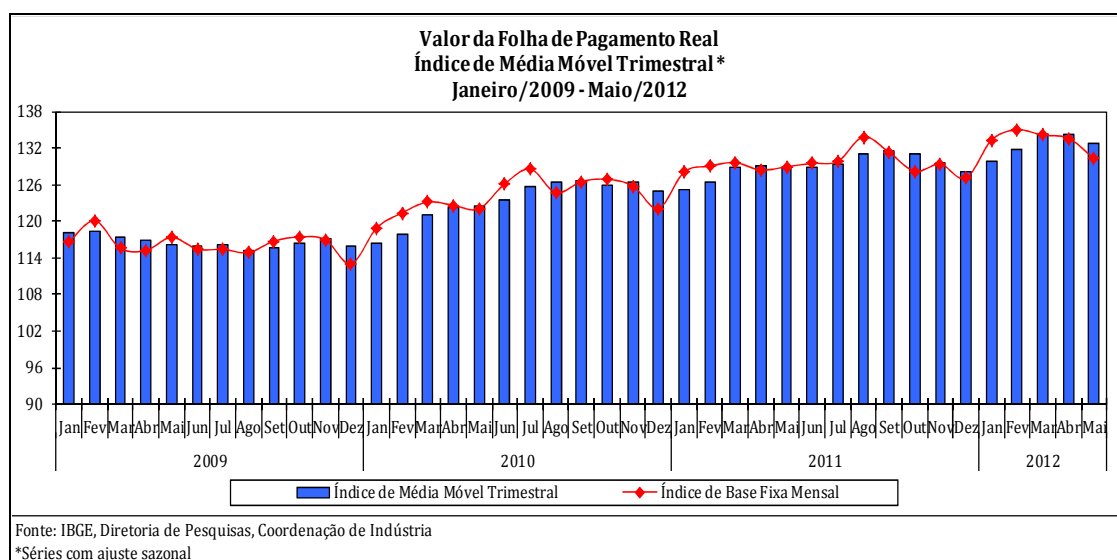
Pernambuco (1,0%) assinalaram as taxas positivas no índice acumulado de janeiro a maio de 2012.

Em síntese, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria, em maio de 2012, apontaram pelo terceiro mês seguido resultado negativo frente ao mês imediatamente anterior, refletindo em grande parte o menor dinamismo que marca a produção industrial nos últimos meses. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade no mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador permanece com o comportamento predominantemente negativo desde o final de 2011. Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em maio de 2012 assinalando taxas negativas, com ambos apontando as perdas mais intensas desde, respectivamente, dezembro e novembro de 2009. Com isso, o índice acumulado no bimestre abril-maio de 2012 intensificou o ritmo de queda frente ao resultado do primeiro trimestre do ano, ambas as comparações contra igual período do ano anterior, tanto no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de -0,8% para -1,6%, como no número de horas pagas (de -1,2% para -2,5%), acompanhando o movimento de redução também verificado na produção industrial (de -3,1% para -3,9%).



FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em maio de 2012, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,5% frente ao mês imediatamente anterior, registrando a queda mais intensa desde dezembro de 2010 (-3,0%) e a terceira taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, acumulando nesse período perda de 3,5%. Vale destacar que no resultado desse mês observa-se a clara influência da redução de 2,5% assinalada pela indústria de transformação, uma vez que o setor extrativo apontou avanço de 1,9%. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral apontou queda de 1,2% entre os trimestres encerrados em abril e maio, e assinalou o primeiro resultado negativo desde dezembro do ano passado.



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 1,1% em maio de 2012, vigésimo nono resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação. O índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2012 apontou avanço de 3,8%, reduzindo o ritmo de crescimento frente ao fechamento do primeiro quadrimestre do ano (4,5%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,5% em maio de 2012, prosseguiu com a redução no ritmo de crescimento iniciada em maio de 2011 (7,3%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 1,1% em maio de 2012, com resultados positivos em doze dos quatorze locais investigados. As maiores influências sobre o total nacional foram verificadas no Paraná (8,4%) e na Região Nordeste (6,2%), impulsionados em grande parte pelo aumento no valor da folha de pagamento real nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (44,1%), meios de transporte (11,3%) e alimentos e bebidas (7,6%), no primeiro local, e de indústrias extrativas (14,5%), alimentos e bebidas (6,3%) e calçados e couro (13,5%), no segundo. Vale citar também os avanços verificados em Minas Gerais (4,6%), Rio de Janeiro (5,3%), Região Norte e Centro-Oeste (4,7%) e Rio Grande do Sul (4,2%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram: indústrias extrativas (15,8%), produtos químicos (15,6%) e produtos de metal (8,4%), na indústria mineira, indústrias extrativas (9,0%), no setor industrial fluminense; alimentos e bebidas (11,2%) e indústrias extrativas (14,9%), na Região Norte e Centro-Oeste; e máquinas e equipamentos (13,3%), no setor industrial gaúcho. Em sentido oposto, São Paulo (-4,1%) assinalou o único resultado negativo nesse mês, influenciado especialmente pelo setor de meios de transporte (-18,1%), pressionado em grande parte pela elevada base de comparação por conta do pagamento de participação nos lucros e resultados em importantes empresas do setor em maio de 2011.

Setorialmente, ainda no índice mensal de maio de 2012, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em treze dos dezoito setores investigados, com destaque para máquinas e equipamentos (9,2%), indústrias extrativas (11,9%), alimentos e bebidas (3,6%), produtos químicos (5,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (2,5%), minerais não metálicos (3,6%) e borracha e plástico (3,1%). Por outro lado, os setores de meios de transporte (-10,9%) exerceu o maior impacto negativo sobre o total da indústria.

No indicador acumulado nos cinco primeiros meses de 2012 o valor da folha de pagamento real cresceu 3,8%, com taxas positivas em treze dos

quatorze locais investigados, com destaque para Minas Gerais (8,3%) e Paraná (10,8%), sustentados em grande parte pelos ganhos assinalados nos setores extrativos (23,6%), de meios de transporte (5,6%), alimentos e bebidas (6,6%), minerais não metálicos (14,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (11,5%), no primeiro local, e de alimentos e bebidas (15,1%), meios de transporte (15,7%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (38,2%), no segundo. Vale mencionar também as contribuições vindas da Região Nordeste (6,4%), Região Norte e Centro-Oeste (7,5%), Rio de Janeiro (6,9%) e Rio Grande do Sul (4,3%). Nestes locais, as atividades que mais influenciaram positivamente foram, respectivamente, alimentos e bebidas (8,9%) e produtos químicos (11,9%); alimentos e bebidas (13,4%), indústrias extrativas (21,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (13,9%); indústrias extrativas (12,2%) e meios de transporte (7,4%); e máquinas e equipamentos (7,8%), meios de transporte (10,3%) e alimentos e bebidas (5,0%). Em sentido oposto, São Paulo (-0,2%) assinalou o único resultado negativo no índice acumulado no ano, influenciado especialmente pelos setores de meios de transporte (-2,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,7%) e produtos de metal (-7,2%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em doze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (8,3%), indústrias extrativas (15,3%), máquinas e equipamentos (7,8%), meios de transporte (1,8%) e minerais não metálicos (5,1%). Por outro lado, os setores de calçados e couro (-3,3%), vestuário (-2,6%) e madeira (-5,1%), exerceram as maiores influências negativas sobre o total nacional.